

# Contrastes do período pós-moderno no país

*Educação superior cede aos interesses do mercado e adapta-se à fragilidade do ensino básico*

## Olgaria Matos

Para analisar a universidade contemporânea, é preciso contrapor a instituição moderna à pós-moderna, bem como seus valores e seus fins. A universidade moderna e a natureza do conhecimento que ela produziu até os anos 1960 tinham por objetivo formar o cientista, um intelectual capaz de compreender seu ofício na complexidade dos saberes e da história. Portanto, quando um cientista vinha a público, ele falava sobre um conhecimento universal, mesmo quando o ponto de partida fosse uma especialidade. No limite do aprofundamento da especialidade, chega-se em um ponto em que a fronteira entre as disciplinas se desfaz.

O conhecimento mantinha sua autonomia com respeito às determinações imediatamente materiais e do mercado. Sua temporalidade – a da reflexão – compreendia-se no longo prazo, garantidora da transmissão de tradições e de suas invenções. Na universidade moderna, não cabia a pergunta “para que serve a cultura?”, mas sim “de que ela pode liberar?”.

Por sua vez, a universidade pós-moderna converte pesquisa em produção, constringendo-se à pressa e à produtividade quantificada do conhecimento, adaptando-se à obsolescência permanente das revoluções técnicas. A temporalidade do mercado confisca o tempo da reflexão, selando o fim do papel filosófico e existencial da cultura. Ela é marcada pela não diferenciação entre pesquisa e produção.

O intelectual cultivado foi destituído – em todos os campos do saber – pelo especialista e seu conhecimento particularizado, cujo contato com a tradição cultural é episódico ou inexistente. O ponto de passagem do intelectual ao pesquisador técnico, da razão crítica à desresponsabilização ética e racionalidade técnica, para o filósofo alemão Günther Anders (1902-1992), é identificado nos discursos do italiano Enrico Fermi (1901-1954) e do físico norte-americano Julius Robert Oppenheimer (1904-1967). Suas pesquisas resultaram na bomba atômica, que eles apresentavam apenas com observações estritamente técnicas.



A universidade pós-moderna não busca a fundamentação do conhecimento. Nada aprofunda, produzindo uma cultura da incuriosidade, imune ao maravilhamento. Essa universidade tem uma pulsão antigenealógica, ou seja, cada geração acredita ser geradora do conhecimento, não reconhecendo nenhum tributo às gerações passadas.

**Público x Privado** — Com a ditadura dos anos 1960 no Brasil, a universidade pública moderna – concebida de início para formar as elites governantes,

a partir do ideário de universidade cultural, científica e com suas áreas técnicas – começa sua desmontagem, o que resulta em sua massificação. Sob a pressão de massas historicamente excluídas dos bens científicos e culturais, bem como do sucesso profissional conquistado pelo enriquecimento nas profissões liberais, a universidade pós-moderna acolhe populações sem o repertório requerido anteriormente para a vida acadêmica.

Massificada a cultura, prolifera, na ditadura militar, a privatização do ensino e seu barateamento. As universi-

dades particulares, salvo sempre as de exceção, prometendo ascensão social e acesso ao ensino superior, decepcionam em suas promessas.

A temporalidade do mercado é muito diferente da do Estado. O que traz um problema para as escolas particulares, que, por sua própria natureza, devem responder às leis do lucro.

Ao Estado caberia velar, no longo prazo e na alternância das gerações, pela sobrevivência de seus cidadãos, propiciando acesso universal aos direitos sociais, civis e políticos. Assim, a universidade pública moderna buscava oferecer uma educação pública para cuidar da formação espiritual e material de todos os seus cidadãos.

Contudo, apenas 20% das universidades recebem financiamento público no Brasil. Razão pela qual as instituições geralmente cedem ao mercado, revelando o encolhimento da esfera pública, determinando a privatização da vida e sua queda em valor de troca.

**Fragilidade** — O psicanalista Sigmund Freud (1856-1939) já preconizava a queda valorativa do espírito após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Ele dizia que a educação seria pulsional. O capitalismo de hoje, por exemplo, é pulsional, ou seja, “eu desejo, eu quero, eu vou ter”. Houve um abandono daquelas práticas da paciência, da reflexão de longo prazo.

Assim, a universidade atual adapta-se à fragilidade do ensino fundamental e médio, passando a compensar as deficiências dessa formação. Para isso, a graduação retoma o ensino médio; a pós-graduação, a graduação; o doutorado, o mestrado, cuja continuidade é o pós-doutorado, tudo culminando na ideia da “formação continuada” e de avaliações permanentes.

Metáfora rigorosa para a educação, da escola maternal à universidade, o conhecimento, como escreveu Freud, é uma das tarefas mais nobres da humanidade no longo processo de sua humanização.

**Olgaria Matos** é filósofa e professora titular da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Mestre pela Universidade Paris I (Panthéon-Sorbonne), na França, doutora e livre-docente pela Universidade de São Paulo, onde lecionou e foi pesquisadora de 1979 a 2003.